XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

O DESENVOLVIMENTO DA IMAGINAÇÃO NA INFÂNCIA

Isabela Lucas Silva
UEL
isabelalucasilva@gmail.com
Darcísio Natal Muraro
UEL
murarodnm@gmail.com
Otília Ribeiro dos Santos
UEL
tiliaribeiro@uel.br

Eixo 1: Formação e Ação Docente

Resumo
Este texto visa apresentar os resultados do Programa PIBID, especificamente do subprojeto de Pedagogia, desenvolvido no CEI Campus UEL. O subprojeto desenvolvido tem por objetivo analisar a imaginação como comportamento filosófico nas práticas da Educação Infantil. Por um lado, procura investigar o conceito imaginação como uma habilidade de pensamento, observando como ela ocorre na infância. Por outro lado, o projeto se propôs organizar experiências pedagógicas para avaliar as possibilidades e resultados de um trabalho com o desenvolvimento da capacidade de imaginação no processo de aprendizagem. Desta forma, o projeto buscou compreender a importância da imaginação como comportamento filosófico que contribui para uma experiência ética e democrática na formação da criança. A metodologia desta pesquisa consiste em um estudo bibliográfico à luz dos fundamentos críticos da educação tendo como referência a filosofia da infância de Lipman. A metodologia inclui também uma pesquisa de campo com observações participantes, leituras e estudo dirigido com a participação nas atividades do Projeto de Pesquisa relacionando, planejamento de ações de trabalho e intervenções didático pedagógicas. Verificamos que a imaginação é um elemento fundamental na mediação do conhecimento, principalmente no que se refere aos primeiros contatos que as crianças têm com princípios filosóficos, sendo uma excelente maneira de proporcionar um conhecimento crítico e investigativo no processo de desenvolvimento de cada criança. A imaginação é necessária para pensar as formas alternativas de pensar, falar, sentir e agir. Pensar estas formas alternativas por meio da imaginação investigativa em comunidade é fazer uma educação democrática.

Palavras-chave: Imaginar; Educação Infantil; Habilidade.

Introdução

Este estudo teve por objetivo principal, analisar a importância da habilidade de imaginação, especialmente para o desenvolvimento do

pensamento filosófico na criança e a sua relevância para a educação, segundo a perspectiva de Lipman. Por isso, formulamos o problema da seguinte forma: Qual a importância da imaginação na Educação Infantil para promover o pensamento filosófico da criança? Para desenvolver esta problemática estabelecemos como objetivo geral analisar o conceito de imaginação como habilidade de pensamento para orientar a prática educativa na Educação Infantil na perspectiva de Lipman. Como objetivos específicos colocamos os seguintes: compreender o conceito de imaginação como habilidade de pensamento na perspectiva de Lipman, observar o uso da habilidade de imaginar nas práticas escolares entre as crianças e professora na Educação Infantil, desenvolver o projeto visando a prática da imaginação tendo em vista o desenvolvimento da aprendizagem da criança, planejar e avaliar atividade pedagógica tendo em vista o aprimoramento da capacidade de imaginar.

A metodologia utilizada consiste no estudo bibliográfico à luz dos fundamentos críticos da educação e de leituras que dialogam com essa perspectiva teórica. Inclui também pesquisa de campo com observações participantes, leitura e estudo dirigido com a participação do estudante do Grupo de Estudo e no Projeto de Pesquisa relacionado, planejamento de ações de trabalho e intervenções didático pedagógicas.

Para a concretização dos objetivos propostos, será utilizada a pesquisa bibliográfica e de campo, pois segundo Lakatos; Marconi (1991) a pesquisa bibliográfica possibilita ao pesquisador conhecer a perspectiva de diferentes autores que se debruçaram sobre a temática em questão. De um modo geral a finalidade é contribuir para a formação tanto pessoal, quanto social do pesquisador. Quanto a parte prática, essa pesquisa será realizada em escolas públicas do município de Londrina.

Buscamos com este projeto analisar e compreender a imaginação como processo de desenvolvimento do pensar filosófico da criança, e propor práticas relacionadas com o ensino na educação infantil. A pesquisa foi uma possibilidade de aprimoramento formativo em termos de pesquisa e docência durante o curso de Pedagogia.

Considerando a concepção de filosofia da infância, o projeto buscou também analisar com mais profundidade aspectos desta abordagem,

especialmente os atos do comportamento filosóficos na Educação Infantil. Nesta pesquisa, a habilidade analisada foi a imaginação. Este trabalho de estudo da imaginação como comportamento filosófico, ajudou na observação das práticas escolares, visando o aprimoramento da capacidade de imaginar como comportamento filosófico na infância. Para tanto, foram tomadas como referências de aporte teórico de Lipman (1990; 1995; 2001; 2003 e 2006) e Splitter & Sharp (1999).

Este projeto de iniciação científica com estudo acerca da imaginação da criança justifica-se pela necessidade de ampliar as discussões relacionadas ao universo da Educação Infantil e sua complexidade pedagógica de ensino. Sabe-se, desse modo, que o campo da docência na Educação Infantil vai além da sala de aula, necessitando que esse profissional da infância esteja ancorado por um conjunto de saberes necessários a um trabalho significativo e de mais qualidade.

Nesse sentido, em sintonia com o Programa de Formação para a Docência em que envolve estudantes da 1ª e 2ª séries do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina, há a necessidade de buscar pela pesquisa embasamentos teórico-metodológicos acerca das temáticas envolventes no trabalho pedagógico com crianças de 0 a 5 anos. Em nosso caso, elegemos a temática da imaginação como objeto de estudo. Pelo exercício de leitura, estudo e pesquisa, o projeto visa proporcionar ao estudante de pedagogia contribuições efetivas em torno das práticas pedagógicas docentes com crianças da Educação Infantil.

Além disso, a proposta visa oportunizar um constante aprimoramento profissional e pessoal, para coordenadores, supervisores e bolsistas, reconhecendo principalmente o caráter dinâmico e social da profissão do professor e o papel representado pela escola e, em especial, pela sala de aula na formação inicial e continuada.

A Filosofia da infância

Iniciaremos nossa exposição fazendo uma discussão acerca da perspectiva de Lipman sobre a filosofia da infância, contexto em que se insere o trabalho sobre a amizade.

A contribuição de Lipman para o campo da filosofia e da educação está ligado sobretudo ao fato de ter iniciado um campo de pesquisa chamado de filosofia da infância. Com seus estudos, a infância aparece como conceito básico para sua filosofia – uma perspectiva pioneira na história da tradição filosófica. Diz o filósofo: “a infância é uma dimensão legítima do comportamento humano e da experiência humana e que não é menos habilitada ao tratamento filosófico que as outras dimensões para as quais já existe filosofias” (LIPMAN, 1990, p. 215)

Esta sua intuição surge, como ele diz “da descoberta de que as crianças podem fazer filosofia – e que elas o fazem de maneira competente e com prazer (...)” (LIPMAN, 1990, p. 218) Neste sentido, Lipman critica as teorias desenvolvimentistas que colocam a infância como período preparatório para a maioridade: “[...] frequentemente assumem que a infância é um preparo para a maioridade e deve ser vista apenas como um meio para um fim, ou como uma condição incompleta movendo-se em direção da completude.” (LIPMAN, 1990, p. 219) Para Lipman, as crianças não estão se movendo em direção ao que os adultos sabem, acreditam e valorizam. A infância tem vida própria no modo de sentir, pensar e agir. A infância se faz e refaz pela imaginação que abre as portas à novidade e à criatividade.

Lipman coloca em questão a dimensão educativa da filosofia. Ele entende que é necessário considerar seriamente o pensar da criança como condição para uma prática dialógica numa comunidade de infância. Seu alerta parece ser pertinente para a experiência nos dias atuais em que vivemos e vislumbramos uma possibilidade de transformação educacional e social pela filosofia:

> Se não pudermos fazer filosofia com crianças, privamos sua educação do verdadeiro componente que pode fazer tal educação mais significativa. E se negamos às crianças uma educação significativa, asseguramos que a ignorância, irresponsabilidade e mediocridade que prevalecem atualmente entre os adultos continuarão a acontecer. Tratar as crianças

> como pessoas pode ser um preço baixo para se pagar, a longo prazo, alguns benefícios sociais substanciais." (LIPMAN, 1990, p. 223)

Uma educação que não proporciona ao estudante a experiência de construir significados por meio do desenvolvimento do pensar filosófico tem consequência sociais desastrosas, uma vez que não prepara para enfrentar reflexivamente os problemas da vida em sociedade.

Para desenvolver inicialmente sua filosofia da infância, Lipman compreende que a atividade filosófica requer um comportamento filosófico, que consiste "[...} (n)um comportamento que contém um número significativo de atos que, *prima facie*, parecem os movimentos característicos dos filósofos" (LIPMAN, 1990, p. 198) Estes "modos de comportamento característicos" podem ser observados nas mais diversas modalidades de atividades, como esportes, negócios, artes, práticas profissionais. Este modo de comportamento filosófico pode ser cultivado sobre as mais diversas práticas. Alguns destes comportamentos são descritos por Lipman como sendo:

> Procurar expor suposições subjacentes é, naturalmente, apenas um dos muitos movimentos que são característicos do comportamento filosófico; poderíamos especificar outros como solicitar razões, procurar determinar a validade das inferências, elaborar argumentos, interpretar significados, clarificar conceitos, avaliar a coerência e a força explanatória das teorias e assim por diante. (LIPMAN, 1990, p. 200)

Em linhas gerais, Lipman entende que este conjunto de atos se alinham ao fazer da filosofia como sendo "exame autocorretivo de modos alternativos de fazer, dizer e agir" (LIPMAN, 1990, p. 202) Em outra passagem o autor caracteriza a filosofia como um fazer que busca formas alternativas de ação, criação e fala:

> A filosofia é uma disciplina que leva em consideração formas alternativas de agir, criar e falar. Para descobrir essas alternativas, os filósofos persistentemente avaliam e examinam suas próprias pressuposições, questionam o que outras pessoas normalmente têm como certo e especulam imaginativamente sobre quadros de referência cada vez mais amplos. (LIPMAN, 1998, p. 144)

Nesta perspectiva, Lipman entende que este comportamento filosófico está presente na infância por meio de seus questionamentos buscando sentidos. Para ele, não é possível separa o fazer filosófico do filosofar, da mesma forma que não podemos distinguir o dançarino da dança. Isto quer dizer que o filosofar pode acontecer em diversas situações:

> Se é possível dizer que estamos fazendo filosofia por discutirmos assuntos filosóficos racionalmente numa sala de aula de faculdade, devemos estar fazendo filosofia também quando discutimos racionalmente assuntos filosóficos numa sala de aula de primeiro grau. E se – seja numa conferência de filosofia ou num jardim de infância – o fazer da filosofia é criativo, então a filosofia que tem sido feita manifestará necessariamente criatividade. (LIPMAN, 1990, p. 203)

Desta forma, Lipman justifica a possibilidade e a importância da filosofia nas práticas educacionais da infância. Filosofia não se resume à capacidade de "produção de trabalhos filosóficos de qualidade publicável", mas um fazer criativo que comporta alguns atos filosóficos. Conforme se posiciona: "As crianças têm capacidade de mergulhar na filosofia (como Sócrates mergulhou como forma de vida na qual atividade e resultado final foram uma só e mesma coisa) não como preparação para algo que ainda está por vir, mas como práxis aqui e agora." (LIPMAN, 1990, p. 203). Este mergulhar é possibilitado pela imaginação criadora. A filosofia é caracterizada por Lipman como capacidade de pensar formas alternativas de pensar, sentir, agir. Esta atividade imaginativa busca pensar o significado da experiência nas diversas dimensões: ética, estética, epistemológica etc.

Lipman desenvolveu uma concepção de filosofia da infância pioneira na história da filosofia e da educação partindo da problemática da formação filosófica das crianças desde a infância. Segundo este autor, a Filosofia pode contribuir para a educação das crianças porque pode "[…] ajudá-las a aprender a pensar por si mesmas" (LIPMAN, 2001, p. 81). E quando inicia o pensamento filosófico na criança? Em *A Filosofia na sala de aula,* Lipman (2001) afirma que o princípio do pensamento filosófico nas crianças se faz presente quando elas começam a perguntar "Por que?". Ele explica que

> A pergunta "por que?" é sem dúvida a favorita das crianças pequenas, mas não é uma pergunta simples. Normalmente atribuem-se duas funções principais a essa pergunta. A primeira é descobrir uma explicação causal, e a segunda é determinar uma finalidade. (LIPMAN, 2001, p. 87)

Neste sentido, Lipman entende que podemos identificar o nascimento do pensamento filosófico na criança por meio de suas perguntas, especialmente aquelas que questionam os por quês do mundo. Isto as coloca no patamar da filosofia na medida em que há algo em comum entre a criança e o filósofo: a capacidade de se maravilhar com o mundo. A criança e a Filosofia são aliadas porque ambas se intrigam com uso das palavras para falar do mundo. Os filósofos levam esta capacidade de maravilhamento às últimas consequências, descobrindo e investigando os problemas da experiência humana. Tais problemas giram em torno de significações e de conceitos centrais, comuns e controversos da nossa experiência. O filosofar começa quando fazemos perguntas sobre esses significados e conceitos – os "por quês" das crianças – e assumimos o compromisso de analisar os sentidos que atribuímos a alguns conceitos, os pressupostos, os usos e as suas consequências. Por isso, a contribuição da Filosofia na educação para o pensar das crianças, desde a idade pré-escolar, tem o intuito de alimentar o questionamento e introduzir a reflexão como um processo contínuo e acumulativo de formação de conceitos como possibilidade de desenvolvimento das demais capacidades.

A prática dialógica e investigativa tem como base a postura de um professor que considera que "[…] a criança está cercada por um universo […] que tanto estimula o pensamento quanto provoca o encantamento e a ação" (LIPMAN, 1995, p. 23) Neste universo enigmático a criança espera a descoberta de sentidos para sua experiência. Matthew Lipman, no livro *A Filosofia na Sala de Aula,* explica que o maravilhamento das crianças com o mundo se dá porque elas se deparam "[…] não com problemas de fácil solução, mas com verdadeiros mistérios." (LIPMAN, 2001, p. 56) O filósofo aponta três possibilidades de explicação que a cultura oferece à criança para tentar explicar o maravilhamento com o mundo que se encontram ao seu redor:

o primeiro é por meio de uma explicação científica, o segundo é em forma de faz-de-conta e o terceiro é "[…] formulando o assunto filosoficamente em forma de pergunta." (LIPMAN, 2001, p. 57)

Para tanto, Lipman (1995) argumenta que a experiência de *aprender a pensar juntos* deve começar no jardim de infância. Neste sentido, ele toma posição crítica diante das pedagogias que criam dualismo entre a dimensão concreta e a abstrata:

> […] o concreto deveria predominar na educação das crianças pequenas (pois estas "não são capazes de lidar com abstrações"), enquanto que o abstrato deveria predominar na educação de nível superior (pois os alunos universitários precisam somente "ter conhecimentos"; não precisam "fazer julgamentos"). (LIPMAN, 1995, p. 259)

Para Lipman (2001, p. 23), as crianças anseiam por descobrir o significado de suas próprias experiências que deve ser procurado "[…] por meio do envolvimento no diálogo e na investigação". (LIPMAN, 2001, p. 24). Assim, para perceber os sentidos e significados é preciso ir além do concreto, lançando a criança numa experiência de lidar com a abstração, nível em que os significados são construídos. E esta prática pode ser uma realidade na Educação Infantil se considerarmos, conforme afirma Lipman (1995, p. 32), que "muitos aspectos do mundo – especialmente aqueles que dizem respeito à conduta humana – não podem ser lidados ou formulados com a precisão característica da ciência". Alguns conhecimentos da ciência podem ser trabalhados com crianças na medida em que auxiliam no entendimento de certas relações de causa e consequência podendo ser observados e incorporados para melhorar a própria experiência. No campo da conduta humana, as crianças se deparam com um universo de conceitos que não podem ser tratados pela ciência, e que são questões tratadas no campo da filosofia. Neste sentido, as crianças podem perfeitamente falar sobre solidariedade, justiça, amizade, verdade, o bem e o mal, o corpo etc. O autor destaca a necessidade de pensar sobre a linguagem que vem sendo adquirida no convívio social. As palavras intrigam as crianças, porque elas não se referem somente às coisas, mas também a sentimentos, valores e a outras

palavras, à possibilidade de agir, brincar e se relacionar com os outros; elas têm poder de afetar pessoas. Neste sentido, a filosofia é uma atividade que se ocupa de pensar a linguagem: “A filosofia começa quando podemos discutir a linguagem que usamos para discutir o mundo”. (LIPMAN, 1995, p. 133)

Na perspectiva do autor, a Filosofia deve estar presente desde cedo na vida das crianças contribuindo com seu esforço de lidar com o uso da linguagem, pois, segundo ele, sabe-se que

> […] depois que adquirem a linguagem, suas mentes ficam imediatamente cheias de pensamentos, então elas estão constantemente à procura de critérios para classificar os temas e assuntos, para distinguir os mais confiáveis dos menos confiáveis, os melhores dos piores. (LIPMAN, 2006, p. 10)

Desse modo, considerando nas palavras de Lipman (2006, p. 10) que “[…] as crianças pensam sem parar e refletem sobre o que pensam”, a Filosofia, por meio da prática do diálogo filosófico, é uma alternativa para “ajudá-las a aplicar seus conhecimentos da forma mais eficaz, para que elas possam tomar melhores decisões no curso de suas vidas”. Lipman (1995, p. 340) entende que a experiência do pensar por meio do diálogo filosófico coloca em destaque a relação de reciprocidade dos articulares da fala - professor e crianças - em relação uns aos outros e ao mundo social e natural. O diálogo é uma experiência interpessoal em que tanto o eu quanto o outro juntos pensem sobre si, sobre o mundo e sobre seu estar existindo no/com o mundo. Este agir tem um caráter intencional, portanto é atividade de pensamento. Tal intencionalidade se evidencia na própria dinâmica da investigação filosófica uma vez que, quando, por meio dela,

> [...] se torna possível ajudar as crianças a compreenderem os ideais, os valores e os critérios adotados por uma sociedade, elas estão melhor equipadas para julgar até que ponto as instituições e práticas desta sociedade estão funcionando bem. (LIPMAN, 2001, p. 44)

Em outras palavras, o diálogo leva a criança a desenvolver a capacidade de raciocinar comunitariamente como forma de compreender os conceitos e pensar imaginativamente o seu agir num mundo de outros. Neste

sentido, podemos identificar uma relação intrínseca entre a educação e a democracia. Este termo não significa apenas de uma forma de governo que a escola tenta reproduzir imaginativa simulando a democracia como se isso fosse apenas uma experimentação de um conteúdo curricular para o qual algum dia, quando adultas, as crianças estariam aptas a praticar. Estamos compreendendo a democracia como a criação do modo de vida comunitário investigativo. Como diz Lipman: "Quando a educação se transforma em educação como investigação e educação para a investigação, o produto social desta mudança institucional será a democracia como investigação e não meramente democracia." (LIPMAN, 1995, p. 355).

Neste sentido, o professor deve ter sensibilidade em relação ao pensar da criança e paciência no tratamento das questões conceituais da vida comum na prática dialógica. Isto porque a democracia também é um processo que tem que ser construído desde o início por meio da experiência que deve ser permeada pela razoabilidade:

> Devemos nos contentar em chegar a uma solução imparcial, não necessariamente aquela que esteja correta em todos os seus detalhes. Devemos ficar satisfeitos com um resultado sensato e razoável mesmo que este não seja inteiramente racional. […] devemos fazer concessões mútuas e que permitam a cada uma das partes preservar sua dignidade e amor-próprio. (LIPMAN, 1995, 32-33)

O que Lipman está indicando é que as crianças necessitam de tempo para elaborar seus conceitos no diálogo investigativo que oferece inúmeras possibilidades de significados. Por isso, podemos aceitar resultados da intervenção pedagógica que sejam provisórios e que poderão ser retomados em outra oportunidade. Assim os conceitos podem ser vistos em contínua reconstrução, ampliando seu leque abrangência por meio da reflexão que incorpora aspectos éticos, sociais e políticos.

Concepção de imaginação

A imaginação, ao longo da história da filosofia, adquiriu inúmeras e distintas conceituações, que divergem de acordo com a ordem cronológica e o viés apresentado por cada autor.

De acordo com o dicionário de Nicola Abbagnano (2000) a imaginação é definida como “a possibilidade de produzir imagens, independentemente da presença do objeto a que se refere”. Disto decorre que a imaginação tem um caráter criativo na produção dos significados.

Por outro lado, Kant inicia a discussão a respeito da imaginação como sendo uma possibilidade de conhecimento, diferindo em alguns aspectos os significados atribuídos a ela anteriormente. Em seu livro *Crítica da Razão Pura* (2008) designa a imaginação como sendo essencial a dois outros principais conceitos, a sensibilidade e o entendimento. O autor afirma que: "A imaginação é a faculdade de representar na intuição um objeto embora não esteja presente. Mas como toda intuição nossa é sensível, a imaginação pertence à sensibilidade” (KANT, 2008, p. 61)

Logo, a imaginação é a capacidade de representar mentalmente a percepção do mundo sensível. Para tentar explicar isso, Kant evidenciou dois tipos de imaginação: a reprodutiva advinda dos sentidos e memórias, e a produtiva ou transcendental proveniente de impressões sensíveis e apropriações intelectuais.

A imaginação reprodutiva é criada a partir de elementos da realidade particular, demonstra a visão de mundo do sujeito e o valor agregado a ela. Em relação à imaginação produtiva o autor afirma que: “A própria representação é apenas um esquema que sempre se refere à imaginação produtiva, aquela que provoca os objetivos da experiência [...]” (KANT, 2008, p. 77)

Sendo assim, seguindo estes princípios, mesmo os seres mais incríveis criados na imaginação de uma criança através das suas representações mentais, tem seus fundamentos originários de sua própria realidade. Tudo aquilo a que a criança está exposta será aplicado em sua capacidade de representação e transformado por sua imaginação. Nesta perspectiva, diz Lipman:

> [...] a imaginação une de modo diferente materiais que lhe são familiares para reparar uma situação que ainda não tinha experimentado antes. A imaginação baseia-se em experiências passadas, mas as reúne e as reconstrói de modo que parecem diferentes e novas. (LIPMAN,1997, 235)

As crianças, por sua natureza, possuem a habilidade de imaginação que lhe proporciona a evolução e a construção de seu próprio ser, sua identidade. Por meio dessas experiências elas começam a exercitar progressivamente os comportamentos da filosofia. Desta forma, ao criar suas perguntas e buscar respostas do mundo a sua volta, ela está aprendendo paulatinamente a filosofar sobre sua própria existência. Para Kant, a habilidade de imaginação e seus elementos fundamentais fazem parte dos recursos mediadores do conhecimento. Limpam vê na imaginação um modo ativo de conhecer a realidade e a si mesmo.

Observação da habilidade de imaginação na sala de aula

A pesquisa de campo começou com a atividade de observação no Centro de Educação Infantil, no Campus da UEL. Foram dois períodos de observação: o primeiro ocorreu de outubro a dezembro de 2018, numa turma de 5º. Ano de Educação Infantil, o outro, neste ano (2019), numa turma de 4º. Ano da Educação Infantil.

A análise da habilidade de imaginação entre as crianças nestes dois períodos, nos leva a concluir que o contato da criança com a imaginação é uma experiência importante pois é através dessas pequenas experiências que a criança começa a questionar não só o mundo, mas a si mesma. “[...] o exercício da imaginação já é, em si mesmo, uma abertura que a inteligência faz para mundos novos, pessoas novas, pontos de vistas novos. Essa abertura permite a emergência do filosofar.” (LIPMAN, 2008, página)

Essa capacidade de significar por conceitos cada objeto no mundo é própria da infância, e é através desse movimento que a criança se permite filosofar. Kant entende que essa capacidade de conceitualizar está nitidamente ligada à capacidade de realização de esquemas mentais “[...] o que

eu denomino esquema de um conceito é a representação de um processo geral da imaginação que serve para dar sua imagem a este conceito." (KANT, 2008, p. 72)

O modo como a criança se permite nomear tudo que vê ou sente, sempre vem acompanhado da aquisição da linguagem. Lipman entende que este processo:

> [...] é um ato extremamente complexo. Nele misturam-se o concreto e o abstrato, o particular e o geral, o operatório e o simbólico. Por isso, as crianças, ao aprenderem ao falar, já podem filosofar, pois podem atribuir características a um objeto discutíveis quanto a sua veracidade. (LIPMAN, 2008, p. 51)

Por conseguinte, quando as crianças começam a exercitar a fala e a fantasia do mundo imaginário, elas passam a apropriar-se de infinitas possibilidades de inventar e ressignificar o ambiente ao seu redor, conhecendo pouco a pouco cada detalhe não só do ambiente em que interage, mas também de seu próprio corpo e seus próprios sentimentos.

O papel do docente no âmbito de exercitar os princípios filosóficos com as crianças é de auxiliá-las em todo esse processo de construção filosófica de saberes e deve estar sempre disposto a valorizar toda forma de expressão dos educandos, visto que é através destas experiências que eles expressam suas novas e mais significativas aprendizagens. Lipman descreve que "Auxiliar este processo do filosofar infantil é a primeira tarefa de uma educação filosófica" (LIPMAN, 2008, p. 51)

Intervenção realizada na Educação Infantil 5

Este plano de aula foi realizado no dia dez de junho de 2019. O tema proposto pela professora orientadora da instituição foi animais, tema que faz parte do currículo do CEI, a partir do qual caberia relacionar com nosso projeto de Iniciação Científica, no caso a habilidade de imaginação.

Esse planejamento recebeu o título de: Imagine qual é o animal? Delimitamos como objetivo geral exercitar a habilidade de imaginação para descobrir e conhecer os animais.

A elaboração da atividade seguiu a estrutura proposta por Lipman (1995) e adaptada para a Educação Infantil a partir dos encontros formativos. Neste caso, a metodologia utilizada está dividida em cinco etapas que se inter-relacionam de forma crescente no processo de aprendizagem.

A primeira etapa é a da AMBIENTAÇÃO. Os objetivos são: identificar os diferentes sons de acordo com cada espécie de animal e utilizar a habilidade de imaginação, ao tentar descobrir qual o animal através do som que ele produz. Como procedimento didático iniciamos a aula apresentando o vídeo “Fazendinha”, do site Mundo Bita. (2019a) e o desenho animado “Animais da Floresta” (2019.

Ambos contêm diversas espécies de animais. Cada animal é apresentado de maneira lúdica e contextualizada com o tipo de som que eles produzem e algumas curiosidades sobre os animais terrestres e aquáticos. Para isso, também foram utilizados alguns bichos de pelúcia para mostrar as crianças algumas diferenças entre eles durante a reprodução do vídeo. Após a apresentação as crianças foram convidadas a falar sobre o que assistiram.

A segunda etapa do processo metodológico é a da LEITURA. Colocamos como objetivos: ampliar a experiência da criança em relação a habilidade de imaginação e utilizar a ludicidade para compreender as variantes entre o tema animal real e imaginário.

Como procedimento utilizamos o livro *Unicórnios Mágicos,* de Rosie Greening com o auxílio um unicórnio de pelúcia, para ratificar a habilidade de imaginação.

A terceira etapa é a da PROBLEMATIZAÇÃO. Definimos como objetivos: problematizar as vivências anteriores e compartilhar coletivamente suas aprendizagens.

Os procedimentos nesta etapa, consistiram em uma roda de conversa, foram expostos diversos questionamentos a respeito do que aprenderam, tirando possíveis dúvidas e salientando à habilidade de imaginação.

A quarta etapa é a da INVESTIGAÇÃO. Colocamos como objetivos: discutir as dúvidas expostas pelos educandos e levantar hipóteses como forma de responder aos questionamentos apresentados.

Os procedimentos foram assim desenvolvidos: na mesma roda de conversa, de maneira recreativa e espontânea, discutimos as dúvidas apresentadas em relação a habilidade de imaginação, onde não haviam repostas certas ou erradas, prevaleceu apenas o intuito em compreender se as crianças obtiveram êxito nos conteúdos apresentados.

A quinta etapa é a da CONCEITUALIZAÇÃO e PRODUÇÃO DE SIGNIFICADOS. Os objetivos são: avaliar a habilidade de imaginação das crianças no processo investigativo e sistematizar os significados produzidos pelas crianças.

Os procedimentos desta etapa foram: dividir as crianças em quatro grupos diferentes sendo que deveria eleger um representante. Na atividade este representante do grupo foi vendado e, posteriormente, foi entregue a ele um bichinho de pelúcia para que o aluno identificasse pelo tato. Os demais de seu grupo o ajudaram a tentar imaginar qual é o animal que ele estava segurando. As crianças podiam descrever somente suas características e não podiam dizer ao representante o nome do respectivo animal.

Após esta brincadeira cada criança deveria elaborar um desenho que expressasse todo o seu conhecimento adquirido após a intervenção. Foram entregue folhas de diferentes cores e lápis de cor para cada criança. A proposta foi a de promover uma troca de conhecimentos de forma que ao finalizarem a atividade, elas deveriam escolher um amigo e descrever para ele como era seu animal imaginário.

Análise da interação das crianças durante a intervenção

No decorrer da intervenção foi notório observar como o repertório de conhecimento da criança interfere no processo criativo da imaginação. Assim, a partir destas referências cada uma possui diferente visão do mesmo objeto ou da mesma história, variando de significado e com diferentes singularidades de criança para criança. Isso vem confirmar a concepção de Kant acerca da imaginação reprodutiva, onde cada qual possui sua subjetividade interpretando a seu modo cada elemento do mundo sensível.

Foi importante ratificar que entre as crianças também prevalece a imaginação produtiva, pois relataram inúmeras vezes animais imaginários que eram originários da realidade, essa representação mental que a criança produziu são partes intrínsecas da imaginação produtiva.

A imaginação possibilita que a criança inter-relacione seus conhecimentos com suas novas aprendizagem, expandindo seu campo de novas possibilidades, ela de acordo com Kant é a mediação entre o conhecimento e a criança.

Durante a intervenção foi evidente que as crianças usaram a imaginação para elaborarem inúmeras perguntas. Por sua vez, muitas perguntas não podiam ser fechadas com uma única resposta. Sendo assim em um trabalho conjunto as crianças por si mesmas, levantaram hipóteses para tentar responder os questionamentos. Lipman afirma que “Pensar como criança é a primeira atitude de qualquer grande filósofo.” (CUNHA, 2008, p. 49)

Considerações finais

Este trabalhou buscou evidenciar a imaginação como um elemento fundamental na mediação do conhecimento, principalmente no que se refere aos primeiros contatos que as crianças têm com princípios filosóficos.

Constatamos que a imaginação é um dos princípios que sustenta o comportamento filosóficos, sendo uma excelente maneira de proporcionar um conhecimento crítico e investigativo no processo de desenvolvimento de cada criança.

A imaginação é necessária para pensar as formas alternativas de pensar, falar, sentir e agir. Pensar estas formas alternativas por meio da imaginação investigativa em comunidade é fazer educação democrática. A educação democrática começa desde os primeiros anos de escolaridade quando o ambiente educativo proporciona a partilha de sentimentos e sentidos de seu mundo real e tem liberdade para imaginar um mundo diferente e humanizado.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Brasília: MEC, 2012.

CUNHA. José Auri. **Filosofia para a Criança**. Campinas: Alínea. 2008.

DANIEL, Marie-France. **A filosofia e as crianças.** São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

IMAGINAÇÃO. In: ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. São Paulo: Martins. Fontes, 2000. p. 537-538.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Tradução J. Rodrigues de Merege. Edição Acrópolis. Versão para ebook. E-booksbrasil. disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2246

LELEUX, Claudine. Aprender a pensar desde os cinco anos por meio do modelo de Matthew Lipman? In. LELEUX, Claudine (org.). **Filosofia para crianças:** o modelo de Matthew Lipman em discussão. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 127 a 140.

LÉVINE, Jacques. Ensaio sobre o mundo filosófico da criança: o diálogo Eu Mundo – Instância Mundo. In. LELEUX, Claudine (org.). **Filosofia para crianças:** o modelo de Matthew Lipman em discussão. Porto Alegre: Artmed, 2008.

LIPMAN, Matthew. **A Filosofia na Sala de Aula.** São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

_____. **A Filosofia vai à Escola.** São Paulo: Summus Editorial, 1990.

_____. **Getting our Thougths Together:** Instructional Manual to Accompany Elfie. 2ª ed. New Jersey: Montclair State University, 2006.

_____. **Issao e Guga**. Manual do Professor “Maravilhado-se com o mundo”. São Paulo: CBFC, 1997.

_____. **O pensar na Educação.** Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. **Thinking in Education.** 2ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MUNDO BITA. **A fazendinha**. Musical infantil. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cjONzZPJONc&app=desktop. Acesso em 02/09/19a.

Animais da Floresta. **Elefante**. Disponível em: https://m.youtube.com/watch?v=ha2QwAAMbhY&t=213s< Acesso em 02/09/19b.

SPLITTER, Laurence J.; SHARP, Ann M. **Uma nova educação:** a Comunidade de Investigação na sala de aula. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.

VYGOTSKY, Lev. Semenovich. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.